

José Mauro
de Vasconcelos
**Coração
de Vidro**

66
IMPRESSÃO



GM
MELHORAMENTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Coração de Vidro

José Mauro de Vasconcelos

Vinhetas do autor
Ilustrações de Gioconda Uliana Campos

Quatro histórias que se entrelaçam contando o apogeu e o declínio de uma enorme fazenda. Quatro personagens destruídas pela vaidade, insensatez e orgulho humanos: o pássaro azulão, o peixinho vermelho, o cavalo de ouro e a mangueira-moça.

"Coração de Vidro" é um alerta de respeito à natureza. O homem, o maior predador do planeta, violenta sem remorsos o meio ambiente, intervindo na liberdade dos animais.

Um livro comovido, uma lição de vida encantadora para crianças e adultos, passada com lirismo e poesia.

Para
Lucia Pereira de Almoço

para as sobrinhas:
Adriana da Norma
Beatriz da Melany
Beatriz, Renée e Sílvia da Eva
Bettina da Rosa
Guiga e Tieza da Lila
Juju da Daisy
Julie da Eurídice
Maria Evelina da Glorinha
Maria Helena da Helena do Walter
Mauí da Dina
Monique da Gini
e
Moniquinha da Yole

CENÁRIO

A Fazenda

Era uma vez... uma fazenda imensa.

No pátio do fundo existia uma mangueira moça.

Pelos campos bem verdes e iluminados de sol, eram criados os cavalos de corrida.

Na mata, os passarinhos aprendiam a cantar livremente.

E o vento, e que vento doce! — balouçava os grandes milharais que cada vez se tornavam mais cor de fogo.

No lago, os peixes vermelhos nasciam para mais tarde serem transportados nos aquários da cidade.

Tudo era lindo, muito lindo, na fazenda.

Mas os homens estragavam tudo...

História número um

A Missa do Sol



O CORAÇÃO DA TERRA AMANHECIA...

Ai!... Como era lindo!... Como era lindo!...

Mamãe cantarolando tinha acabado de empurrar com o bico meus dois irmãozinhos e a mim para fora de nossa casa.

— Imagine!... esses preguiçosinhos querendo dormir o dia inteiro?!... Ora essa!... Vão brincar. O sol está nascendo...

Do oco que formava a janela de nossa casa que ficava no terceiro andar de uma grande sapopema, eu com os olhos ainda pesados de

sono principiava a redescobrir a vida.

O sol se infiltrava pelo imenso aranhol da floresta, não só enchendo de luz cada coisa como espantando o frio que a noite respirava.

Os últimos morcegos medrosos da luz, soltavam guinchos de temor e descreviam círculos rápidos, iluminando esses mesmos círculos com elipses incendiadas de luz.

Ai!... Como era lindo!... Como era lindo!...

A manhã a se espreguiçar vagarosa distendendo os dedos alvos para cada folha.

O sol acendendo cada gota de orvalho e milhares de olhos vivos que se moviam, eram criados nesse instante.

E o orvalho pingava, pingava, pingava das folhas menores para as maiores, das maiores para as mais baixas e dessas, escorregava ainda pelas trepadeiras de riscos azulados, até que caía nas grandes raízes, se infiltrando na terra, entontecido de sono.

E vinha aquele cheiro gostoso de terra úmida e descansada.

— Como era lindo!...

Ah! se já soubesse cantar!... Um dia, eu cantaria. Mamãe tinha garantido que eu cantaria, quando crescesse mais. Segundo Mamãe, passarinho precisa primeiro tomar uma indigestão de beleza, para então exprimir o efeito dessa beleza, nas mínimas notas do cantar.

No momento, éramos ainda novinhos e estávamos descobrindo a vida pelos voos que se alongavam dia a dia.

Bocejei, abrindo o bico. Agora, meus olhos despertos se encontravam redondos e brilhantes.

Dona Raquel — uma sabiá elegante que cantava com pronúncia francesa... (Todo mundo comentava uma história: que ela tinha fugido da casa de uma francesa velha. Aliás, eu ainda não entendia bem o que era isso, porque todas as vezes que se tocava nesse assunto e que qualquer de nós se aproximava, mudavam de conversa, comentando: — "tem criança por perto" ...)

Pois Dona Raquel passou cantando e chamando a população:

— Está na hora da missa do sol!...

— Está na hora da missa do sol!...

Eu me virei para dentro perguntando:

— Mamãezinha, você vai?

— Não, filhote, vá com seus irmãozinhos, eu tenho que dar um jeito na casa.

Abri preguiçosamente minhas asas e vi que meu peitinho se estufava, fazendo o azul escuro se colorir de manchas douradas.

Fiquei na ponta dos pés, verguei os joelhos e arremessei-me no espaço. Como era bom! Dava vontade até de fechar os olhos e deixar que o corpo caísse contra as folhas; mas mamãe não gostava que se fizesse isso, ralhava com a gente até.

Fui voando. Fui voando. Por cima de minha cabeça, em lugares mais altos, deslizavam pássaros velhos e seguros, ruflando as asas.

Todo mundo corria para pegar um lugar melhor na velha igreja, que não passava de uma aroeira velha.

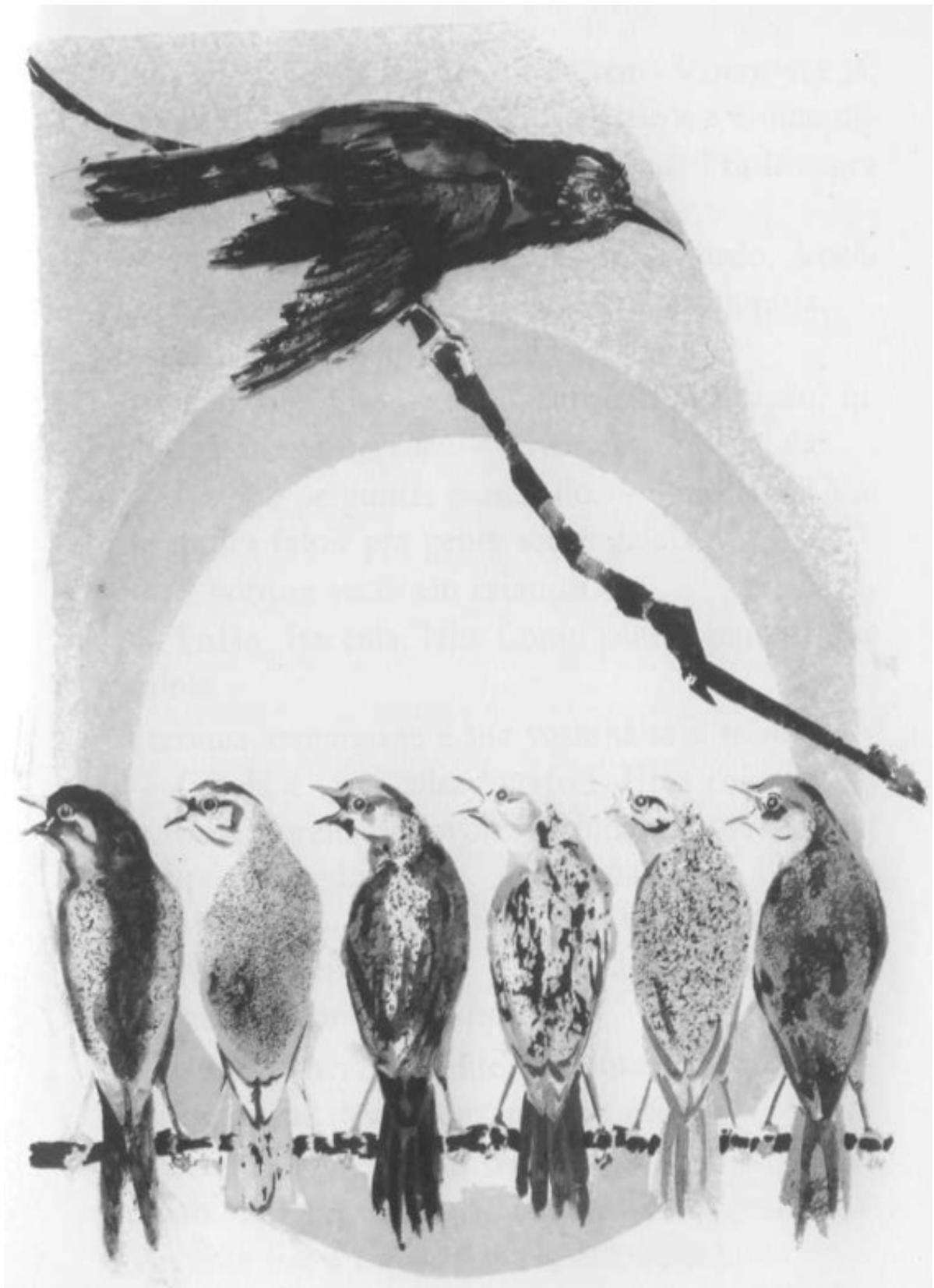
Um dia também eu acompanharia aquela pressa toda.

Cheguei cansado, quase ofegante, e fui procurando um lugarzinho na multidão.

Dona Raquel já se postara no coro e dera o sinal, batendo três vezes com o bico num galho oco.

A passarada cantou então a canção mais bonita da vida, em homenagem ao sol já surgido de todo e corando de orgulho. As cabeças dos morros tornaram-se brilhantes ao longe e ao longe também douraram-se as plantações de milho, onde o vento cantarolava vagabundo cantigas de ternura.

Eu baixei os olhos da paisagem e vi Iracema cantando com a voz fininha e suave. Iracema era uma coleirinha que tinha medo de tudo e que agora aprendia a cantar.



"A passarada cantou então a canção mais bonita da vida..."

* * *

— Iracema é uma medrosa!...

— Iracema é uma medrosa!...

— Iracema é uma medrosa!...

A gente ficava em bando, voando à sua volta e gritando sempre:

— Iracema é uma medrosa!...

Seus olhinhos castanhos se enchiam d'água.

— Não façam assim — murmurava.

A gente pousava na rama e comentava:

— Ora, Iracema, o que é que tem? Vamos até lá. A gente fica pendurada nos fios elétricos e é uma delícia. Balança-se que não se acaba mais. Pra lá... pra cá...

— Não. Não. Eu não vou. Tenho medo. Vocês nunca deviam ir. Nunca deviam sair da floresta.

— Bobagens! Que é que tem?

— Tem sim. E se vocês encontram um alçapão? — indagava Iracema nervosa. — E se tem uma gaiola?

— Gaiola? — perguntei espantado. — Que é isso? Mamãe nunca falou pra gente sobre gaiola.

— É porque vocês são crianças.

— Então, Iracema, fale. Conte para a gente o que é gaiola.

Iracema arrepiou-se e sua vozinha saiu trêmula.

— Gaiola é uma coisa horrível. Uma coisa muito feia. Uma floresta de árvores fininhas, amarradas por um cipó chamado arame. Tem uma porta. Botam a gente lá dentro, e pronto. Nunca mais se sai de lá.

— Ah! Isso não existe. Você está imaginando coisas. Vamos balançar nos fios.

Ela torceu nervosamente as pontas das asas.

— Vocês me desculpem, mas eu não vou. Dizendo isso, levantou voo e fugiu para o coração da mata que nesse momento era quente e acolhedor. A gente ficou caçoando dela aos berros.

— Iracema é uma medrosa!...

— Iracema é uma medrosa!...

Como ficou longe aquele vozerio:

— Iracema é uma medrosa.

Agora meus olhos se enchem d'água e eu vejo a gaiola em volta do meu corpo moço. Iracema tinha razão: A gaiola é uma coisa horrível!

Já não tenho vontade de me mover. Nem sei mesmo se me acostumei em dar pulos de um poleiro para outro. Tudo tão triste. Triste. Triste.

— Rapaz, que tristeza é essa? — perguntava da outra gaiola, seu Pedro, um velho tiê-sangue. — Isso passa. No começo é sempre assim. Daqui a pouco você começará a cantar e cantando a vida fica bonita até dentro de uma gaiola.

— Não. Eu nunca cantarei. Eu nunca cantarei.

E me lembrava de Iracema que jamais passaria por tudo que eu já passara. Iracema teria ninhadas e ninhadas de filhotes e continuaria com medo, mas vivendo livre dentro da mata.

— Olhe, meu filho, tristeza não adianta mesmo; continuava seu Pedro. — O nosso dono é tão bonzinho. Reparou como ele fala tão suave com a gente?

— Ele não é bom... Ele é homem...

— Você sabe quem é o nosso dono?

Eu não me interessava em saber. Mas via que seu Pedro se mostrava tão amigo, que resolvi me interessar e prestar atenção.

— Nosso dono chama-se Cavalcanti. Ele era um homem que vivia numa grande gaiola chamada Europa. Ele fez muita fita de cinema bonita. Mas por dentro, ele sentia saudades enormes das matas do Brasil. Então... fugiu e voou para cá.

Tornei a voltar para os meus pensamentos. D. Raquel (agora eu compreendia) fugiu. Cavalcanti fugiu. Talvez um dia eu também fugisse.

— Olhe, rapaz. Você é moço e bonito. Isso tudo passa. Nós temos o sol e podemos sentir o vento. E tanto o sol como o vento são os mesmos em qualquer parte... Interesse-se por alguma coisa. As coisas humanas são formidáveis. Quer ver um exemplo? Agora eu estou interessado no campeonato mundial de futebol. Ouço pelo rádio. Domingo é a última partida e tenho certeza de que o Pelé vai dar uma lavada na Argentina.

E vendo que eu tornava a cair na tristeza, seu Pedro abanava a cabeça e voltava a pular de um poleiro para outro. Muitas vezes eu o via comentar, suspirando:

— Ah! Mocidade!... Mocidade!...

Horas e horas eu ficava parado no poleiro. Quando chegava a tarde, a tristeza se amarrava no meu peito. A fazenda retornava aos meus pensamentos. Os campos perdendo a luz do sol. Os potrinhos novos galopando. No açude grande os peixinhos vermelhos vinham à tona. Tinha um peixinho alegre chamado Clóvis que era uma gracinha. Clóvis enchia a bochecha e fazia caretas para a gente... E os campos de milho amarelo?... E o cheiro úmido da terra? E a noite que se fazia macia, entornando estrelas dentro do açude?... Ah, meu Deus! Eu não quero viver mais.

E para não viver mais a gente não come. Para não viver mais a gente não bebe. Para não viver mais a gente não aprende a cantar.

Durante os dois primeiros dias a fome doeu um pouco. A sede ardeu na minha garganta... mas eu não queria mais viver.

— Não faça isso, meu filho; — voltava a falar seu Pedro. — Coma desse alpiste... Beba dessa água...

Nem respondia. Mas como beber dessa água? Água era aquela. A água da fonte. Que a gente chegava em bando, pulando de rama em rama, na ponta dos pés e zás assustava seu Pacheco, aquele bagre velho que vivia cochilando ao sol. Seu Pacheco acordava assustado dizia palavrões para a gente... mas depois perdoava e deixava a gente beber à vontade.

Como eu conseguira perder tudo aquilo? Como fora possível?... E a cena volvia rápida...

...eu pulando feliz dentro da mata, quando dei de cara com uma coisa formidável. Um fio elétrico bem dentro da mata? Sim, um fio elétrico. E ninguém tinha descoberto ainda aquilo. Eu era o primeiro. Subi bem no alto de um galho e saltei sobre o fio. De repente o fio se moveu e senti-me preso pelo pé direito, agitando as asas como um louco, sem poder deixar de ficar de cabeça para baixo.

Imediatamente vieram uns homens-meninos e me agarraram com força pelo pescoço.

— Pegamos um azulão... Pegamos um azulão!...

Eu nem podia gritar ou chamar por alguém. Fui levado para uma gaiola (agora eu sabia) e colocado no meio de uma porção de outros passarinhos assustados. No dia seguinte, meteram a gaiola dentro de um caminhão. Eu me segurei nas grades e chamei desesperado:

— Mamãe!... Mamãezinha!...

Ninguém ouvia os meus gritos. Só a fazenda, com os seus milharais, com os campos cheios de sol, com o açude transparente, com a nossa mata fresca, foi ficando para trás, se perdendo na distância e se confundindo na poeira...

Minhas asinhas estavam sujas de pó e meladas de caldo de frutas. Eu já nem era um pássaro bonito, quando me levaram para o mercado... Aí, fui comprado pelo senhor Cavalcanti.

Levaram-me para uma casa de campo e fui solto numa gaiola, essa mesma em que ainda estou. Esbravejei, arremessei meu peito contra as varinhas, machuquei meu bico contra as traves mais grossas, tudo inutilmente. Fiquei ofegante sobre o poleiro.

— Isso não adianta, meu rapaz! — era a primeira vez que eu ouvia a voz de seu Pedro...

Tudo perdido. Não bebo. Não como e nunca conseguirei cantar.

A noite chegou pesada puxando as sombras para nossos olhos. As horas se arrastavam tristes e muito antes de principiar a madrugada, senti as forças me falharem, tombando no chão da gaiola. Minha respiração se fazia fraca.

A manhã rasgou o céu quase que de uma vez. Passos apareceram dentro da casa. Cavalcanti despertava. E como sempre veio olhar as nossas gaiolas.

— Jesus! Ih! Minha Nossa Senhora! O azulão fugiu...

Desceu a gaiola e me viu deitado. Uma súbita indignação encheu a sua voz.

— São essas empregadas! Quer ver que ela não mudou a água, nem deu alpiste.

Mas logo os seus olhos se espantaram. A gavetinha do alpiste estava cheia assim como a vasilha de água.

Sua voz se tornou doce, doce, enquanto enfiava a mão para dentro e me retirava.

— Que foi isso, meu bichinho? Logo você que era tão bonzinho, tão manso, tão feliz? Ficou dodói, não foi?

E coçou com maciez as peninhas da minha cabeça. Eu tinha vontade de dizer-lhe, mas ele era homem e não compreenderia. Tinha vontade de dizer-lhe.

— Eu morro... morro de tristeza... — não, ele não compreenderia e se compreendesse, mesmo assim, ele não abriria a porta das outras

gaiolas para que os outros voassem para as matas.

Ele continuava a me sussurrar coisas suaves.

Nesse momento seu Pedro ficou nervoso e começou a cantar. Só eu o compreendia.



"E vendo que eu tornava a cair na tristeza, seu Pedro abanava a cabeça..."

— Fuja, meu filho. A mão está aberta. Fuja. Pule para o galho daquele eucalipto. De lá, respire e voe para bem longe... Fuja... Fuja...

Mas eu só tive força de responder-lhe:

— Agora... não posso... Minhas asas pesam como folhas secas... Eu...

Virei meus olhos para o bosque de eucaliptos. O sol vinha se espojando por entre os galhos. Meus olhos se fecharam mansamente e longe, muito ao longe, voltou aos meus ouvidos a voz de Dona Raquel chamando:

— Minha gente, está na hora da missa do sol... ...da missa... do sol...

História número dois

O aquário



— Nada disso. Espere sua vez. Que negócio é esse? Pois se existe fila, fique na fila!

— Mas vocês não veem que eu estou farto disso aqui? — falou Clóvis ligeiramente indignado.

— Todos nós estamos, e você não é melhor do que os outros!

Clóvis calou-se e nadou em direção de uma das paredes de vidro do grande tanque. Seu vulto vermelho apresentando no dorso riscos dourados, sua cauda imensa transparente e creme, se revolvendo sinuosa como um leque, apareceu refletindo no vidro defronte.

— Como era bonito! Então porventura não era mais bonito e melhor que os outros? Ora, aqueles peixes não se enxergavam mesmo! Uns peixes brancos, pálidos, anêmicos, feios.

Deu um muxoxo e continuou a nadar dando voltas e reviravoltas.

Enquanto isso ia pensando. Como os homens estragam tudo. Mas era bem-feito. Servia de lição para ele. Aquela mania sua de reclamar de tudo, de achar que o grande açude da fazenda era uma coisa horrível. Que nascera para a aventura. Para viajar por grandes lugares, por águas novas e estranhas. Agora o que seria do seu futuro? Quando chegaria a sua vez de deixar aquele imundo aquário de vidro e livrar-se da companhia daqueles peixes horrorosos e mal-educados?

Naturalmente que os peixes deveriam ser como os homens. Pelo menos no tocante às diferenças sociais. Pois não era sabido que os homens melhores nascidos eram mais considerados? Agora uns peixes vagabundos, suburbanos, sem raça, sem eira nem beira, completamente sem compostura... aqueles outros que não possuíam alma e bom-gosto tinham por obrigação reconhecer isso e dispensar que ele, um peixe de classe, ficasse na fila e aguardasse a sua vez. Desaforo!

O pior não era ainda isso. O pior era o cheiro da casa de aves. O odor fedorento, desagradável que vinha do cercado das galinhas. Ou o rumor infindável dos papagaios e periquitos reclamando em voz alta o dia inteiro. Que casa de aves vulgar! Ali se encontrava de tudo. Galinhas, araras, tartarugas, pavões, perus, passarinhos.

Credo! Que melancolia! Antes a fazenda. Antes mesmo o açude. Lá pelo menos poderia ver o sol nascer, os cavalos vindo beber água e saber que os outros peixes eram do mesmo nível social que o seu. Lembrou-se das palavras de sua professora, Dona Quitéria;

— Menino, deixe de sonhar. Perca essa eterna mania de pensar em viajar. Esconda-se quando vir que os homens vêm com redes à procura de vocês. Nada vale mais que a liberdade. Aqui você tem a companhia, o carinho dos seus. Isso é o mais importante.

— Qual, Dona Quitéria. Eu sou moço. Quero viajar, conhecer novos mundos. Não vê como sou bonito? Analisando bem, não nasci para viver no fundo de um açude comum.

— Está bem, meu menino, — aquiescia ela com bondade. — Só o tempo consegue ensinar. De nada vale a experiência dos mais velhos. Mas de uma coisa não se esqueça: Os homens... Os homens não têm coração e estragam tudo.

Parecia até milagre que aquilo acontecesse assim. Quando o relógio da igreja perto batia três horas, geralmente na casa de aves, uma sonolência morna se propagava pelos olhos de todos os seres. Mesmo com os homens, mulheres e crianças entrando no recinto quase sempre curiosos, mesmo com as exclamações de espanto, todos os bichos cochilavam. Por sinal era um alívio. Grande era o meu esforço para não dormir nessa hora, porque nas vezes que não conseguia dominar o sono, uma insônia noturna, cruel, me fazia compreender a extensão das horas e o comprimento de uma noite onde as estrelas estavam proibidas de aparecer.

Nessa hora da tarde forçava meus olhos desmesuradamente abertos e voltava a observar coisas que eu já conhecia de muitas análises, tal a pobreza do ambiente.

Por encontrar-me de olhos abertos, foi que vi aquela senhora alta e elegante, trazendo umas mãos compridas e finas, onde a luva encobria a harmonia dos dedos, aproximar-se do aquário.

Seu dedo indicador se volveu para o aquário, enquanto o dono da casa a acompanhava com aquele sorriso coberto de dentes de ouro.

— Aquele vermelho...

Por decência, deveria chamar os outros que dormiam. Mas qual o quê! Afinal ela tinha me escolhido espontaneamente. Tamanho era o meu medo de que ela desistisse de me levar que entreabri minha cauda em ondulações suaves, tornando-me mais belo e fazendo o mínimo de ruído para não despertar os outros.

— Pois não, madame. Esse é o último que temos. Dentro de alguns dias chegarão os outros dessa qualidade.

— E esses outros? Esses feiosos?

— Esses, madame, são peixes para viveiros, para se criar em poços de rios, em lagoas... São peixes feios, vagabundos, que não resistirão ao aquário.

— Então eu levo esse!

Nem bem a rede penetrou dentro do tanque de vidro, contendo a respiração, saltei emocionado dentro das malhas de barbante. Os outros acordaram e passado o estupor, começaram a dirigir-me frases vulgares e de baixo calão, impossíveis mesmo de reproduzir.

Uma asfixia momentânea agrediu a minha garganta, meus olhos se dilataram ao sentir-me fora d'água. Nem sequer tive forças de responder à fúria daquela medíocre população. Antes talvez assim. O desprezo e o silêncio seriam a melhor resposta.

Minha angústia abrandou quando fui novamente metido numa casinha redonda de vidro. Uma sensação de paz tolheu os meus primeiros movimentos. Só aos poucos, girei à volta daquilo que os donos da casa chamavam de aquário. A sensação da água limpa e fresca, livre do cheiro e do contato dos outros peixes, trouxe-me um sentido de paz e beatitude que não existiam para mim, desde a minha retirada do açude.

Fomos levados para um enorme automóvel (depois é que eu soube que aquela casa pequena e caminhante, macia e de cheiro estranho se chamava automóvel) e andamos, andamos, fizemos curvas, paramos, continuamos a andar; tudo isso produzindo em mim uma espécie de tontura que me paralisava no mesmo canto, impressionado com as pernas grandes e cruzadas da minha nova dona.

O chofer me levou para dentro de casa e fui entregue com o meu aquário a uma empregada negra que sorriu mostrando os dentes muito brancos.

A dona entrou na sala e recomendou:

— É preciso que se mude a água desse aquário todos os dias.

— Onde é que madame quer que coloque o aquário?

Ela olhou a sala e divisou o piano negro inteiramente nu e brilhante.

— Em cima do piano. Mas veja de colocar um paninho debaixo, para não estragar o móvel.

E assim, fui definitivamente colocado sobre o piano.

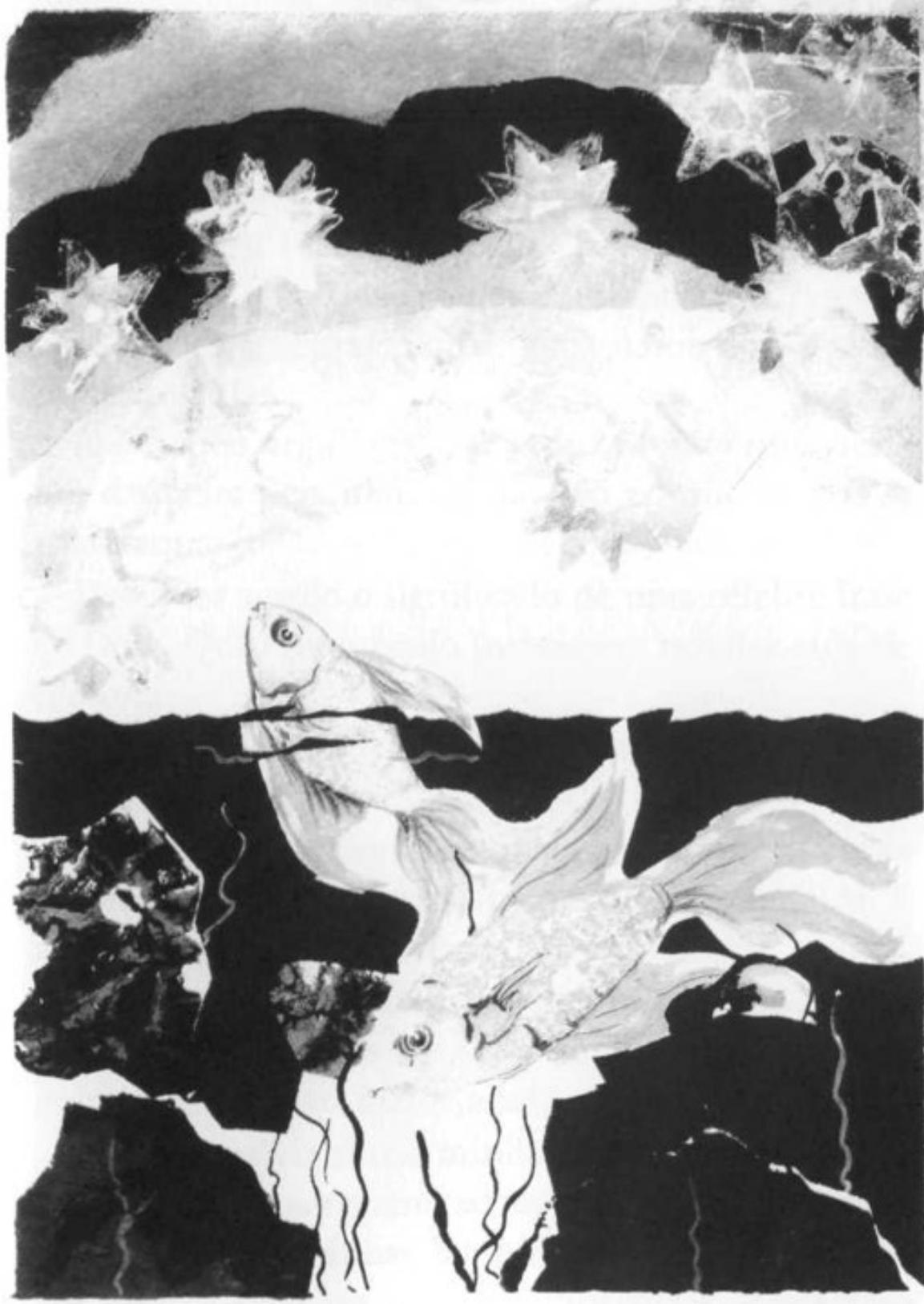
Respirei aliviado. Agora sim. Tinha minha casinha própria. Sorri embevecido. Vou dar um jeito nessas plantinhas que estão mal colocadas... Pensava milhares de coisas ao mesmo tempo. Só o fato de sentir-me longe do aquário, dos peixes sujos, do barulho das aves, o odor desagradável das galinhas...

E durante dois dias, tudo era novidade para mim. Olhar os grandes espelhos da sala, os quadros de moldura dourada. Os livros encadernados nas estantes. Até uma harpa sempre calada e misteriosa era motivo de encantamento.

Todas as manhãs a empregada preta vinha trocar a água usada por outra fresquinha e límpida.

Muita coisa aconteceu para que novas experiências de vida se desabrochassem ante os meus olhos. Muitas horas felizes decorreram até que meu coraçãozinho quase rebentou: acabava de descobrir que estava completamente em solidão...

* * *



"Pois estrela é sarda na pele da noite... Compreendeu?"

Foi como se a pancada do relógio se houvesse mudado para o meu peito: solidão... solidão... solidão...

Dia e noite girando sobre o meu corpo. Quando havia luz rodava sobre a minha sombra. Quando não havia, sobre o silêncio de tudo.

Ah! se ao menos viesse um peixinho lá da fazenda para conversar. Fazer companhia... Assim pensava nos primeiros dias.

Até o meu orgulho se quebrou: Mesmo que viesse um daqueles peixinhos feios... isso porque os dias se passavam...

Devia ser aquilo o significado de uma célebre frase de Dona Quitéria quando insistia em nos dar aula de filosofia:

— "A solidão só tem uma coisa a que se compare: a velhice dos homens."

Algo em mim se revelava maduro, porque as coisas começavam a ter um significado mais forte na vida. E a solidão era a pior de todas as coisas...

Aquele era o mundo de viagens que eu imaginava. Era a realidade triste dos meus sonhos. Sair de limite grande para outro maior ainda.

O açude volvia ante a minha saudade. Até as garças brancas que apareciam ao entardecer se tornavam mais belas nas minhas lembranças. E aos pedaços e aos poucos uma série de reminiscências, despertava em mim, desde os primeiros momentos em que descobri que vivia e que cada coisa, devagar, ia tendo o seu significado.

Os momentos antigos eram os mais demorados na lembrança e se tornavam tão vivos como se estivessem acontecendo a cada instante que neles pensava.

Meus olhos inocentes perguntavam, olhando tudo curioso. Anoitecendo, era preciso que mamãe fosse me buscar na tona do açude da fazenda.

— Vamos, filhinho, daqui a pouco vai ficar noite. Vamos dormir?

— O que é noite, mamãe?

— Noite, meu filho, é aquela água preta que vem chegando lá em cima.

— E o que é lá em cima?

— Lá em cima é o céu.

— E o céu o que é?

Mamãe apontava o céu e comentava com paciência.

— Criança não pergunta tanto. O céu é tudo aquilo. Agora, vamos.

— Não, mamãezinha, só um instantinho. O que é aquilo no céu? Aquelas coisinhas... Aquilo lá, que sempre vem com a noite?

— Aquelas coisas brilhantes são estrelas.

E vendo que eu não conseguia mesmo entender, mamãe se tomava de carinhos e meiguice.

— Meu burrinho... os homens é que chamam aquilo de estrela. Os poetas chamam aquilo de lágrimas... mas na verdade são pintas. Assim como essas que você tem pelo corpo. Pois estrela é sarda na pele da noite... Compreendeu?

Tornava-me meio desanimado.

— Tudo não, mamãe. Só um pouquinho. Vou ficar pensando depois.

— Isso. E agora, vamos?

— Vamos.

Enquanto nadávamos lado a lado e devagar para a nossa toca, ainda arrisquei uma pergunta.

— Mamãe, todos os homens fazem a mesma coisa?

— Como assim, filhote?

— Sim, se todos os homens vivem para trazer cavalinhos para dar banhos no açude?

Mamãe riu.

— Nada. Eles fazem muitas outras coisas. A vida dos homens é complicada. Existem outros homens além dos que você vê dando banho nos cavalinhos.

Voltava aquela tristeza imensa e eu me via sozinho dentro do aquário. Sozinho. Sozinho...

Suspirava e voltava a ser menino no açude.

— Positivamente, mamãe, eu não compreendo, mamãe, por que essa água é tão dura! e batia com a ponta do nariz naquela dureza.

— Meu filho, isso não é água. Isso é a terra dos homens. É a terra e a terra sempre foi dura. Ela existe para fazer limite, fronteira para segurar as nossas águas...

E tantas outras coisas iam e vinham na minha lembrança, semelhantes ao vento que irritava as águas do açude e criava ondas e mais ondas. Minhas saudades se assemelhavam àquelas ondas..."

* * *

Na quinta noite, quando nem sequer me bulia dentro d'água, morrendo de tristeza, vi que uma coisa brilhante como uma antiga estrela aparecia se aproximando.

Meu Deus! não era estrela e sim um vaga-lume que montava numa aranha. Ai! que linda aranha! Usava uns óculos na ponta do nariz. Trazia diversos cabelos brancos surgindo debaixo da touca e se apoiava, manca, numa bengala.

Ela me deu boa noite e principiou se apresentando.

— Eu me chamo Rosa Boaventura. Estou para lhe fazer uma visita já faz dias. Mas o senhor sabe, a idade — sorriu ela se desculpando.

— Ora, Dona Rosa, que enorme prazer a senhora me dá.

— Pode-se saber a sua graça?

— Naturalmente. Clóvis Eugênio de Vasconcelos e Sousa. Um criado à sua disposição e um coração para lhe servir...

— Muito obrigada. Que educado o senhor é! E que belo nome. Sangue azul, pois não? Paulista de quatrocentos anos?

Sangue azulíssimo. Português de oitocentos anos.

— O senhor veio do mar?

— Não. Nasci num palácio de criação de peixes de raça. Na minha opinião, o mar é um pouco... como direi? Vulgar... e grande demais. Há muita mistura, não acha, Dona Rosa?

— É o que ouço dizer. Particularmente, não sinto grande simpatia pelos peixes do mar. Por um simples motivo... eles cheiram muito mal... E que tal a vida do senhor no palácio do açude?

— Uma beleza, Dona Rosa. Um deslumbramento. E contei toda a poesia que nos cercava.

Falei dos campos dourados de sol e de milho amarelo. Da mata repleta de passarinhos multicores. Do canto de todos os pássaros. Dos cavalos de corrida que nasciam pequeninos e eram criados correndo e crescendo livres pelos pastos esverdeados. Todas as

coisas da natureza, todo o cenário da fazenda se lavando no sol moreno e morno.

Falei da noite que vinha lavar as estrelas nas nossas águas. Conteí das garças de penas de sorvete se colorindo de cor-de-rosa ao entardecer.

Até um cavalinho cor de ouro que mais tarde estava fadado a ser um grande campeão, eu conteí. Até mesmo do primeiro susto que esse cavalinho me deu quando pela primeira vez o encontrei bebendo perto de mim... Depois, da nossa grande camaradagem. Da nossa intimidade. Ele chamava-se Lula e era filho de Dona Gema, uma senhora de raça de corrida.

E desabafando a minha solidão de muitos dias e muitas noites fui contando, contando.

Contei mais: da noite e dos seus mistérios. Quando as ninfas d'água saíam dançando sobre a superfície, envoltas em gases transparentes. Quando o açude se cercava de um colar de vagalumes selvagens para que os faunos viessem da mata, tocar flauta na nossa beira. Quando a última estrela da manhã vinha lavar o seu rosto em nossas águas pra então bocejar e procurar correndo a noite que se fora e então dormir, dormir.

Falei tanto que, quando demos fé, o relógio da sala cantava a cantiga das três horas...

— Meu Deus! — gemeu Dona Rosa — Que tarde é. Que dirá meu marido? Dartagnan vai ficar furioso. Não posso nem dizer que fui ao cinema, porque já não é mais hora.

Depois, lembrando-se de alguma coisa, comentou:

— Dartagnan é um aranha com quem me casei há setecentas e oitenta horas...

— Boa noite, seu Clóvis, amanhã eu voltarei...

— Venha mais cedo e nem pode imaginar o quanto prazer me deu, conhecendo-a.

No dia seguinte ela voltou em companhia do vaga-lume que servia de lanterna, do Sr. Dartagnan e de um grilo obeso. Tornei a contar tudo da véspera. Eles se entusiasmaram e retornaram mais cedo ainda, com mais dois novos amigos, um pernilongo vesgo chamado

Guilherme, e uma lagartixa muito pintada que fazia questão de ser tratado como Baronesa de Porongaba.



"E desabafando a minha solidão de muitos dias e muitas noites fui contando..."

E eu contei e recontei a história. Mas no dia que se seguiu e eles voltaram, quando eu tornava a falar nas minhas histórias eles principiavam a bocejar e muitas vezes terminavam as minhas frases antes de mim. Então uma tristeza e uma espécie de receio atacaram-me doridamente.

O grilo obeso perguntou fatigado:

— O senhor só tem dessas histórias assim molhadas?

Com essa pergunta retiraram-se todos, meio amolados e resmungando.

A noite seguinte se desenvolveu vazia e sem visitas. A tristeza tornou a fazer coro com o meu silêncio.

* * *

As coisas cada vez pioravam mais. Nem a empregada mudava a água do meu aquário...

Eu tinha certeza de que há três dias ela não procedia à limpeza na minha casinha de vidro... E no açude, sabia que no açude a vida exultava de vida! Nem queria lembrar-me das plantas de Dona Quitéria.

* * *

Dois dias depois a dona da casa apareceu na sala, olhou o aquário e comentou para a empregada.

— Você tem mudado a água do aquário?

— Todos os dias, madame.

Botei a cabeça do lado de fora e gritei:

— Mentira, madame, há cinco dias que ela não limpa a minha casa. Há cinco dias que me sinto asfixiar aos poucos com essa água velha e pesada.

Mas ninguém ouviu o meu desespero.

* * *

Na manhã seguinte, Clóvis amanheceu emborcado.

A empregada que veio espanar o piano, bateu com o espanador no aquário para assustar o peixinho. Mas ele não se moveu. Ficou um momento espantada. Depois foi falar com a patroa.

— Ih! Madame... O peixinho do aquário morreu!...

Madame revolveu-se sonolenta na cama.

— Telefone, — bocejou — telefone para a casa de aves e peça outro igual.

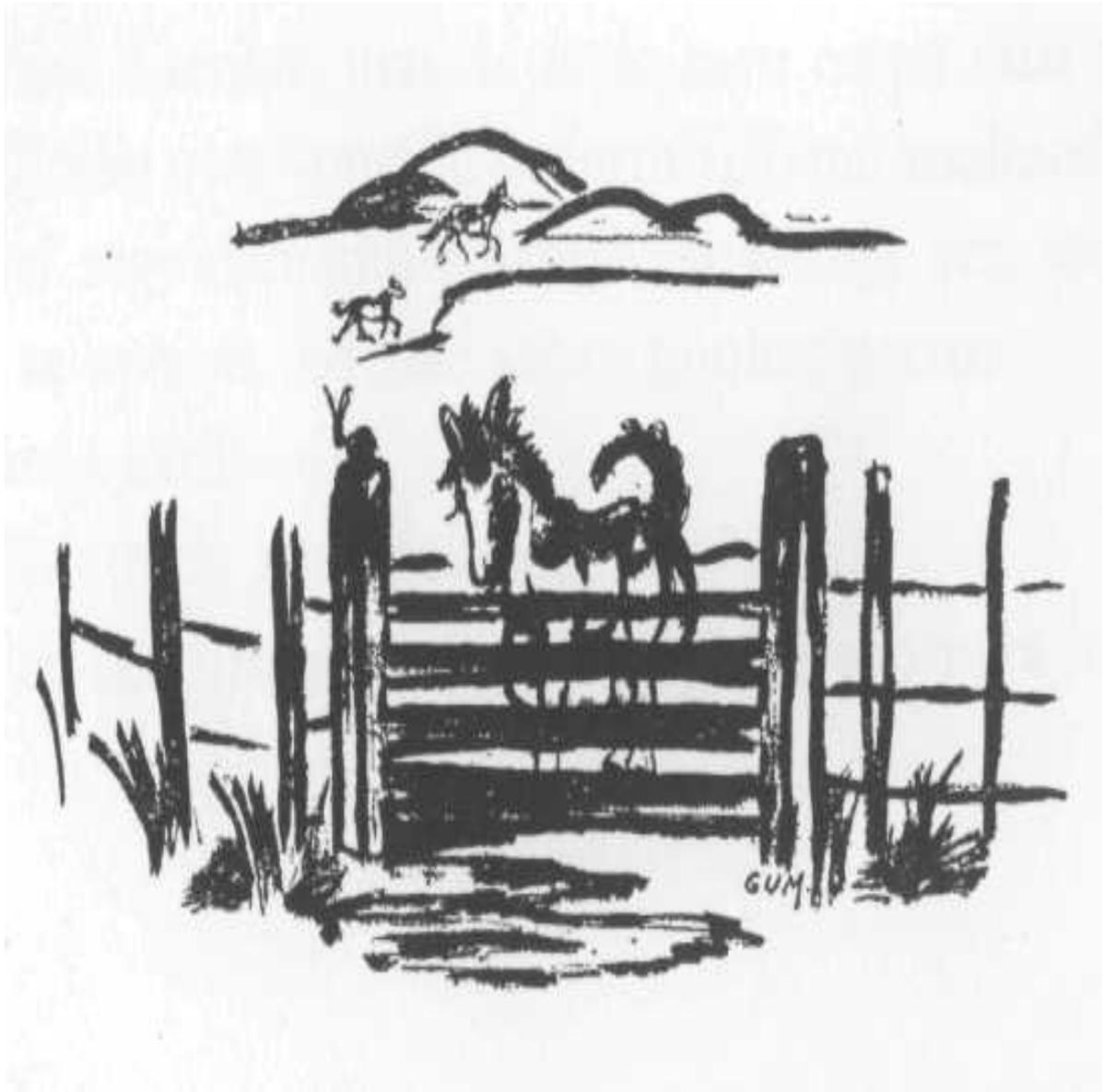
— Mas o que a gente faz desse, madame?

Ela bocejou mais forte e murmurou, quase dormindo:

— Dê para o gato!...

História número três

O Cavalo de Ouro



— Eu estou vivo!... Eu acabo de nascer!...

No princípio, o ar do campo e da vida veio forte aos meus pulmões fazendo com que respirasse ofegante. Meu pelo ainda úmido ia se secando com o calor do sol. E como a relva tinha um cheiro forte e verde!

Mamãe me olhava embevecida. Nos seus olhos ainda molhados a dor ia-se transformando em felicidade. Ela me falava.

— Vamos... tente agora... um, dois e três... Tentei saltar. Senti meu corpo fraquinho erguer-se no espaço. Mas as minhas pernas não me sustinham.

Tornei a tentar, mas de novo meu corpo caiu na relva. Então uma vontade de ferro veio-me assaltando. E pulei seguidamente e, antes da sétima vez, meu corpo se apoiou indeciso sobre minhas pernas.

Mamãe exultou.

— Isso, meu homenzinho.

Aí, eu senti fome e olhei meio sem jeito para mamãe.

— Será... que eu posso... mamar? — Mamãe sorriu.

— Claro que sim, filhote.

Nem esperei segunda ordem. Comecei a sugar o leite morno com sofreguidão. De vez em quando levantava meus grandes olhos castanhos e puros para ela, com desconfiança de que eu estivesse abusando. Mas mesmo que estivesse, mamãe não diria nada porque sabia que a vida para mim partia daquele momento.

Quando acabei de mamar, principiei a olhar o mundo que existia além de mamãe.

— Olhe bem, meu filho. Olhe como a vida é linda. Quanto sol, quanta luz. E sobretudo quanto campo para você daqui a pouco correr e fazer diabruras.

Meus primeiros passos foram desengonçados, entretanto, começava a me sentir muito feliz por ter nascido.

Ao entardecer vieram outras éguas da fazenda visitar mamãe.

— Xi! Dona Gema, como ele é bonitinho!

— E que olhos grandes!

— Que testa inteligente!

— Pois eu, — falou uma égua cor de ébano. — O que eu gosto nele é essa cor dourada. Parece até um pedaço de sol...

Mamãe falou:

— Naturalmente não possuo falsa modéstia nem mesmo o esnobismo da simplicidade como é moda hoje em dia. Mas o que mais me agrada nele são as proporções das pernas. Meu filho será um grande campeão.

* * *

No começo mamãe me ensinava a correr. Começamos devagarzinho lado a lado. Depois, mais seguro, desabalava na frente e parava adiante. Voltava e gritava para mamãe:

— Mamãe perdeu!... Mamãe não pode comigo!...

Ela sorria e abanava a cabeça feliz:

— Bobinho! Não ganho porque não quero... Um dia, mais tarde, sim, você vai ser um grande campeão. Aí, nem mamãe nem ninguém poderá competir com você.

Alisava-me as crinas de ouro e comentava calma e suavemente:

— Sim, você será um orgulho para a gente. Mas enquanto não é campeão, viva, meu filho!

E dava-me uma palmada tão amiga, que mais era um beijo do que uma palmada.

Viver!... Viver!... Viver!... Sim, era isso que eu queria. Era isso que eu devia fazer.

E dilatando as narinas sorvia todo o ar morno que se aquecia ao sol, e relinchava selvagememente.

Os campos eram pequenos para as minhas carreiras.

O vento competia comigo, revolucionando minhas crinas e minha cauda de sol se rebelava para lá e para cá...

Tudo novo para mim: rojar-me na relva, amaciar a grama com meu corpo, roçar minhas costas na areia dando cambalhotas contínuas.

Ir até o grande açude e conversar com os peixinhos vermelhos. Molhar as patas na água fria ou sorver goles e mais goles da água e respingar com ela o corpo suado.

Outras vezes, deitava-me no capim e ficava olhando o mundo pequeno. Vendo as formigas vermelhas escorregando pelas coisas da terra, conversando ao se encontrarem, diálogos pequenos e nervosos.

Ou então olhar o céu azul, quando de tarde, para acompanhar sem compreender a movimentação das nuvens, no céu.

Uma vez falei para mamãe.

— Mamãe, espie para o céu!...

— Por quê, meu filho?

— Por nada. Espie.

Ela levantou a vista para cima e eu quase gritei de felicidade.

— Mamãezinha. Que beleza! Seus olhos estão cheios de nuvem. Por quê?

— Porque é assim mesmo, bobinho, qualquer pessoa, até você, que olhar para o céu, as nuvens se refletem dentro dos olhos.

Era vida: viver!... Não havia dor, nem fome, nem sede. E nas raras vezes que chovia, ai que bom! Todo mundo ia correr na chuva, pisar a água que encharcava a grama ou então se encolher com medo dos trovões, debaixo das árvores.

Certa manhã umas senhoras bonitas vieram visitar a fazenda e ver principalmente a criação de cavalos. Ao depararem comigo, exclamaram espantadas:

— Que beleza de potro!... Que cor linda!... — Estarreci-me diante delas e abanei a cauda, agradecido.

— Engraçado!... Que bichinho inteligente! Parece até que ele entende o que se fala.

Como os homens eram bobos. Porque podíamos nós entender toda a sua linguagem e eles nunca conseguiam entender a nossa!...

Mas o que me fascinava era uma senhora cheia de flores na cabeça.

E elas continuavam a falar.

— Esse é a nossa esperança. Tem umas proporções magníficas e uma saúde de ferro.

— Que é o potro mais bonito que eu vi na minha vida, lá isso é!

Corri para mamãe.

— Mamãe, a mulher está dando flores na cabeça! — Mamãe riu.

— Mulher não se diz, meu filho, é senhora que se fala.

— Pois mamãe, a senhora está dando flores na cabeça. Como é que pode ser? Ela não é árvore, não é trepadeira...

— Aquilo é chapéu. Elas arrancam as flores e colocam no chapéu. Que bobinho o meu garoto!

Saí em desabalada carreira pelo pasto afora. Só voltei ofegante quando o sol esfriava anunciando a noite. Mamãe conversava com outras senhoras-éguas, debruçadas todas sobre um pedaço de jornal.

Interrompi a reunião, implorando:

— Mamãe, por favor, venha comigo.

Mamãe desviou a atenção concentrada no pedaço de jornal e perguntou o que eu queria.

— Ah! Mamãezinha, achei uma coisa. É segredo entre nós dois.

— Mas meu filho, deixe para amanhã. Nós estamos fazendo palavras cruzadas e não podemos interromper.

— Não gosto mais da senhora e não vou ser mais bonzinho.

Uma dor grande me invadiu e quase chorei. Era a primeira vez que mamãe me negava uma coisa.

E ela vendo a minha tristeza, e parecendo cair na realidade dessa primeira coisa negada, deixou tudo e veio comigo.

Ainda ouvi que Edite, uma bonita senhora-égua-branca de descendência inglesa (ela que contaminou todo mundo com palavras cruzadas e vivia prometendo a mamãe e às outras senhoras que ensinaria pif-paf) comentou para as outras:

— Gema faz muito mal. Tudo que esse rapaz quer ela satisfaz. Não é assim que se educam os filhos... Pelo menos na Inglaterra...

O resto não ouvi, nem me interessava saber o significado de tudo aquilo.

Corri ao lado de mamãe o mais depressa possível.

Só paramos quando chegamos a um velho pé de ipê.

— Olhe, mamãe.

— Não sei o que você quer.

— Eu não alcanço, mamãe.

— O quê? Aquelas flores amarelas?

— Sim, mamãe. Apanhe para mim.

— Mas para quê, meu filho?

— Quero botar na cabeça. — Mamãe riu.

— Mas rapaz, homem não usa essas coisas na cabeça. Fica feio.

— Não importa, mamãe. Fica tão bonito. Ninguém precisa saber.

Mamãe então arrancou as flores com os dentes e foi enchendo minha crina de flores amarelas. E enquanto isso fazia, principiou uma conversa que só dias depois seria terminada:

— Um dia, quando você ganhar um grande prêmio, colocarão sobre você uma grande ferradura de flores. Então você saberá realmente o que é bonito.



"Alisava-me as crinas de ouro e comentava calma e suavemente..."

Até aquele momento eu só pensava em viver. Sentir em meu corpo doçuras de sol, mexer com minhas patas a mornidez da areia, sorver com as narinas golfadas de vento. Tudo na mais absoluta liberdade... e só agora eu reparava que vivendo, crescera, e crescendo a vida dera os primeiros sintomas do que iria exigir de mim.

Ao entardecer desse dia caminhei devagar e tristemente me deitei à sombra do grande bosque de eucaliptos. Nem sequer reparava que os pássaros da tarde cantavam a cantiga do adormecer. Nem o vento que remexia miúdo as folhas dos eucaliptos que pouco a pouco iam-se tornando negras.

Eu só pensava naquela conversa.

— Meu filho, precisamos conversar seriamente. Olhei mamãe com espanto.

— Vamos dar uma volta por um lugar bem deserto, onde tudo que eu disser ficará em segredo entre o seu coração e o meu.

Algo de estranho se anunciava naquela doçura calma com que Mamãe me falava. Algo, pensava eu, de muito grave e definitivo.

Corremos lado a lado até próximo a uma barranca que rasgava a relva verde, com o seu vermelho ameaçador.

Paramos e mamãe tornou a me olhar com certa dureza e resignação. Abaixei os meus olhos, incomodado.

— Eu lhe falei que precisávamos conversar seriamente.

Fiz sim com a cabeça, sem levantar os olhos.

— Pois bem, meu filho. Você já está um homem. Já não é mais uma criança. Isso significa que o tempo passou e que nós vamos nos "separar".

Levei uma punhalada no peito. Mal consegui balbuciar:

— Mas por quê, mamãe? Tão cedo ainda!...

— Eu sei que é duro dizer isso. Também é dolorido para mim. Mas você é um homem e precisa saber o que é nossa vida. Não. Não me interrompa agora. Nós vamos nos separar. Primeiro, já é tempo de voltar a cumprir meu dever de maternidade e assim sendo, trazer para o mundo mais outros irmãozinhos seus... É o dever nosso... E para você serão iniciados também os "primeiros deveres". Dentro de dois dias, mais ou menos, virão buscar você para os treinamentos. Virão montá-lo...

— Isso nunca, mamãe. Nunca deixarei. Não quero. Eu sou tão bonito. E em cima de mim os homens não montarão. Só o sol que acha meu pelo dourado como uma maravilha e o vento que me acaricia, poderão montar sobre o meu corpo.

Mamãe riu.

— Montarão sim, meu filho. Eles montarão. Os homens fazem tudo o que querem... E você vai deixar. Eu confio em você. Afinal, só terei orgulho de você mais tarde. Você é um homem, meu filho, e não pode admitir que um filho meu, o mais bonito cavalo de raça, o cavalo de ouro, se deixe abater por uma conversa.

— Mas mamãe, eu não sou um homem ainda...

— Como, se você está mais alto do que eu...

— Ah! É assim? Pois vou andar com as pernas encolhidas e ficarei menor.

Mamãe riu.

— Faça assim e os veterinários lhe darão uma injeção... Agora vamos voltar porque a noite ronda os campos com sono. Depois, nós tornaremos a falar no assunto.

Era isso o que se passara e a perspectiva de vida que se abria aos meus olhos.

Tomei mesmo uma resolução. Princiiei a andar com as pernas encolhidas para fugir ao cerco que me ameaçava. Mas, santa ingenuidade, aquilo em vez de disfarçar, chamou mais ainda a atenção sobre mim.

— Que terá acontecido com aquele potro?

E antes que conseguisse fugir, vi-me agarrado por uma porção de gente e levado para dentro de um cercado. Continuei deitado. Já que principiara a comédia, iria até o fim. Uma vaga esperança rodava no meu íntimo: talvez os homens não descobrissem o que eu tinha e desistissem de montar-me.

— Esse cavalo está é com fita, — comentou o veterinário.

Rodei os meus olhos desesperados, olhando devagar um a um daqueles homens.

Examinaram-me as juntas, as patas, as pernas. O veterinário murmurou de novo.

— Fita!... não tem nada... Mas eu tenho um remédio que é...

Abriu uma valise e apanhou uma seringa de injeção enorme e ante os meus olhos surgiu aquela agulha imensa e fina... não resisti ao medo e sem poder conter-me e sem permitir que os outros me sustivessem, levantei-me de um salto e corri como um louco. Atravessei a porteira de um salto e procurei, relinchando, os grandes pastos incendiados de sol.

Atrás de mim os homens sem coração gargalhavam sem parar.

Então tudo acabou-se. Vieram os homens e me levaram mesmo. Deixei que eles substituíssem o sol e o vento pelos homenzinhos que me treinavam.

Minha vida era uma série de regimes e de alimentação. Minhas carreiras foram medidas continuamente, diariamente, por um relógio. Nada, nem um só movimento errado escapava aos olhos do treinador.

Agora habitava uma baía continuamente limpa. Era tratado dos pés à cabeça. Sempre sobravam elogios para as minhas "performances".

Ao entardecer recebia recados por outros cavalinhos soltos, de mamãe. Que de longe, dizia ela, assistia com orgulho aos meus treinos.

Em vez de Cavalos de Ouro fui batizado como Saturno.

E a vida de um cavalo de raça nada tem de interessante quando cai nessa fase mecânica. O tempo se desenrolava como os músculos que se desenvolviam nas minhas pernas ou no meu peito. Tudo passava depressa.

Não sei me lembrar quanto tempo foi gasto nos meus treinamentos. Um dia... fui levado para a cidade. Estreei num prêmio e venci. Foi um sucesso. Treinaram-me mais (agora começava a sentir um certo orgulho em ser elogiado, aclamado) e concorri a outros prêmios mais importantes.

Sem dúvida tinha uma satisfação absoluta ao ouvir meu nome: Saturno! Saturno! Saturno! ao microfone, na voz alucinada dos torcedores no hipódromo.

Até que uma tarde de um domingo de primavera levantei o grande prêmio. A multidão delirou. Fui puxado ofegante, em triunfo. O povo delirava. Minha dona tirou fotografias ao meu lado, orgulhosa, e sobre o meu pescoço forte colocaram uma enorme ferradura de flores. No dia seguinte meu retrato aparecia em todas as seções do turfe. E os jornais só falavam a meu respeito.



"...e sobre o meu pescoço forte colocaram uma enorme ferradura de flores."

Vagamente naquele momento lembrei-me das palavras de mamãe. Agora, orgulhosamente, preparavam-me para um prêmio, um grande prêmio onde iria disputar com cavalos de classe internacional na Argentina.

E eu sabia que ia ganhar... tinha certeza que ia ganhar... Meus treinos agora eram furiosos, apertados, o jóquei amigo me incitava com palavras de coragem... mas...

O que tem de ser, tem de ser.

Uma manhã, durante uma das minhas arrancadas, meu pé penetrou num buraco e uma dor incrível fez meu corpo se projetar no espaço enquanto um estado cruel acompanhava minha queda.

Carregaram-me para uma baia e a tristeza morou comigo ao mesmo tempo que a dor.

Tudo que eu esperava veio como uma fatalidade.

Não perdi o abanar de cabeça do veterinário.

— Não poderá mais correr... A fratura...

Fechei os olhos para não chorar.

Ainda mancando voltei a caminhar sobre os pastos da fazenda. Agora tudo era feio para mim. Nada possuía os encantos que eu descobrira quando menino. Sabia que tudo estava no mesmo: os meus olhos é que tinham mudado.

Como poderia viver sem os aplausos da multidão, sem o contato do jóquei sobre o meu corpo ou sem as grinaldas de flores da vitória?

Procurei mamãe e soube que ela fora vendida para uma fazenda no Paraná. Isso aumentou mais a minha solidão.

Depois minha dona me deu de presente para a sua filhinha Célia. Célia colocou-me a puxar a "charrete" de passeio. Já não era mais Saturno nem sequer Cavalos de Ouro. Calos criaram-se nas minhas costas. Comecei a engordar. Minhas linhas iam desaparecendo e o tempo passava. Na realidade me transformara num cavalo comum e sem personalidade.

Muitos anos se passaram. Célia ficou mocinha e eu cada vez mais me sentia despojado tanto das minhas antigas linhas como das minhas memórias.

Da "charrete", quis o destino que eu fosse rodar as moendas da fazenda. E todo o dia, todo o dia, todo o dia rodando amarrado, rodando amarrado, rodando amarrado.

Quando me soltavam era quase noite e os últimos raios vinham encontrar o meu corpo que antes era de ouro, calejado, com grandes cicatrizes e com feridas vivas. Nem o sol gostava mais de mim.

Minhas noites eram tristes, se bem que as nuvens e as estrelas, a lua e os planetas, estivessem ainda no céu... Nem queria lembrar-me que fora Saturno.

O tempo passou. Meus dentes foram caindo. O reumatismo veio morar comigo. Comecei a cair no trabalho... Era a velhice a única coisa que se pode comparar com a solidão.

Soltaram-me num campo pequeno e feio, quente e sem vento. As moscas esvoaçavam sobre mim. Uma sonolência contínua fazia meus olhos se fecharem a todo instante. Quase não podia ficar de pé.

Uma manhã um preto velho apareceu com uma corda e foi me puxando devagarinho. Éramos iguais de velhice. Nem um dos dois poderia caminhar depressa.

Eu sabia o que me esperava. Mas não olhei para trás, não queria rever pela última vez a fazenda, nem recordar-me de nada.

Entramos na mata. E longe, onde eu não pudesse mais voltar (como se eu desejasse mesmo voltar!...) abandonou-me o triste velho.

Fui ficando tão fraco a ponto de nem poder comer o capim, ou melhor de poder procurar o capim para comer.

Mas a mata estava ali, verde, selvagem e abandonada. Sabia que minhas horas estavam contadas e que os urubus em breve voariam em círculo sobre a minha cabeça... Nem mais queria ouvir a música da vida... Fechei os olhos cansados.

— Eu cantarei para o senhor. Não fique triste. Eu cantarei as coisas mais bonitas; não deixarei que o senhor fique sozinho, nem que lhe façam algum mal... Olhei para uma rama e divisei Iracema-vigésima terceira, uma gentil e sempre medrosa coleirinha que cantava para mim... cantava horas e horas para o meu sono, o meu grande sono que se aproximava...

* * *

Na manhã seguinte, o cavalo estava morto e os urubus se aproximavam.

— Vão embora!... Vão embora! Não se aproximem... Por Deus não façam isso! — gemia Iracema torcendo as asinhas.

Mas um urubu velho sentou-se sobre o animal e murmurou para Iracema:

— Não seja chata!... Isso é a vida... Porventura também não estamos cumprindo a nossa missão?

Iracema voou chorando para o coração da mata, que nesse momento continuava quente e acolhedor...

História número quatro

A Árvore



Dona Candoca era uma árvore que morava no fundo do pátio da fazenda.

Sendo moça e cheia de sonhos, alegre e transbordante de ternura, trazia sempre a sua copa verde, e brilhante, para ser iluminada pelo sol e prateada pelos fios da lua.

* * *

Nem bem o galo cantou, batendo as asas e erguendo o peito imponente na porteira velha, Candoca se espreguiçou remexendo ligeiramente as suas folhas mais altas.

Ui! Que morna estava a madrugada!

Dentro em pouco o rebuliço se realizaria por todo canto. Os homens-colonos passariam com as pás e as enxadas, se dirigindo ao campo. Os currais iriam ser invadidos pelos tiradores de leite e os baldes batendo no chão trariam aos seus ouvidos aquele som metálico conhecido.

Os cavalos já estavam relinchando ao longe. Assim como ao longe a passarada soltou o primeiro alarme para a missa do sol.

Um pouco mais, e quando a manhã desabrochasse como uma flor de veludo, todos esses ruídos seriam aumentados ao máximo. A mata estouraria de cantares e o vento iria como sempre se balançar nos seios já dourados das espigas de milho.

— Jesus! — pensava Candoca. — Como a vida é bela! O dia vai colorir de novo de vermelho as estradas que se tinham tornado negras, aprisionadas da noite...

E pensando na noite, ergueu sorrindo os olhos para o céu e viu a estrela-d'alva recolhendo sonolenta seus últimos dardos de luz e colocando-os nos bolsos da sua túnica esverdeada bem clara.

Depois, Candoca baixou os olhos e suspirou já completamente acordada.

Ouviu passos que caminhavam nos lajedos do pátio. Sabia quem era. Todas as manhãs seu Pepe, entrava daquele modo na fazenda. Vinha trazer o leite forte, branco e gostoso para a cozinha. Da cozinha, Candoca sabia que levariam um copo para "ele", na cama. Mas "ele" ainda não deveria ter acordado.

Candoca imaginava a Babá Leocádia, sacudindo-o devagar, devagar, e ele entreabrindo os olhos, passando as mãos sobre o rosto para afastar o sono e bocejando descansado, interrompendo naturalmente uma série de sonhos bonitos que povoaram toda uma noite o seu cerebrozinho adormecido. Então, o leite aos poucos iria escorrendo por aqueles lábios vermelhos, até que ele murmurasse ao acabar: uff!...

Um bater de asas e um salto sobre um dos seus galhos tornou-a à realidade. Uma voz morna e quente falou com ela.

— Bom dia, Candoca. Foi boa a sua noite?

— Ah! Dona Raquel, não fosse essa corja de morcegos que vêm estragar os meus frutos, teria sido divina.

— Pois eu, não passei nada bem, Candoca. Imagine que tive uma rouquidão, um cansaço no peito... não passei nada bem. Tanto que o médico me proibiu de cantar na missa e ficar muito tempo em jejum. Ele receitou-me caldo de manga... Por acaso me cederá por fineza algumas bicadas nos seus frutos?

— Claro, minha amiga. Exceto naquele... porquê... a senhora sabe.

— Sim, já sei. É dele.

— Isso mesmo.

— E ele não acordou ainda?

— Acabaram de abrir a janela do seu quarto. Ele já deve ter tomado o leite. Daqui a pouco se dirigirá para a sala do café... e depois terá um dia inteiro para o seu reinado.

— Gosta um bocado do menino, não?

— Como se fosse meu filho, Dona Raquel. Eu vi o Príncipe nascer. Criar-se sempre perto de mim, junto a mim... já está ficando um homenzinho.

— Então, com licença, Candoca, vou provar umas mangas, estou numa fraqueza enorme.

Dizendo isso a sabiá pulou lá para cima, num galho bem alto.

* * *

— Lá vem ele... e correndo como sempre!

O coração de Candoca quase parou no peito, de emoção. Todas as manhãs sentia aquela mesma coisa.

— Como vem lindo!... Hoje está todo de branco!

O garoto veio correndo, com um sorriso permanente embranquecendo os lábios vermelhos que pareciam devorar a vida, devorar o vento... Ele correu mais e de braços abertos se abraçou no tronco da mangueira moça.

— Meu bem! — exclamou Candoca. Ele riu e falou.

— Bom dia, Dona Candoca... Ih! Eu estava com uma saudade da senhora...

Candoca sorria feliz, sentindo os bracinhos do menino enrodilhados no seu tronco.

— Eu vou subir.

— Isso. Suba. Cuidado. Ponha o pé nesse galho. Agora nesse outro. Dê-me a mão. Pronto, sente-se aqui nesse galhão grosso. Isso... muito bem.

O menino sentado limpou as mãos, tentando apagar o vermelhão que o esforço pregara nas suas palmas.



"...e de braços abertos se abraçou no tronco da mangueira moça."

De repente, uma tristeza momentânea perpassou nos olhos do Príncipezinho.

— Uai! xentes! (Candoca era nortista). Que tristeza é essa?

Ficou preocupada.

— Mostre as mãos. Você se machucou?

— Não. Não é nada disso.

O Príncipe numa pequena explosão ficou com os olhos cheios d'água.

— Sabe, Dona Candoca. Não aguento mais a vida!...

— Mas que é isso, meu bem? Você ainda nem sabe o que é a vida!...

Riu, mas bem que havia uma certa preocupação. Por isso se tomou de maior ternura.

— Que foi? Conte para mim. Você sempre me conta todas as suas histórias. Afinal, nós não somos amigos?

— Hoje, no café... — E engoliu em seco. — Papai e mamãe tornaram a brigar... Papai vai de novo para a cidade. Mamãe se queixou de que ele deve parar de jogar... falou em dívidas... uma porção de coisas que eu não entendo... Disse que também vai jogar nos cassinos... E levantou-se chorando e foi para o quarto. Eles estão sempre assim... e eu...

— Isso passa, meu filho.

— Não passa não. Sempre eles estão brigando e cada vez costumam mais a fazer as pazes... e como eu fico triste! Eles se esquecem de mim e se não fosse você e a babá Leocádia, não tinha mais ninguém no mundo.

— Ora, meu filho, isso passa. As pessoas grandes brigam sempre. Depois fazem as pazes.

— Mas eu não quero crescer. Se crescer é isso.

— Não, você será um homem valente, corajoso, honesto.

— Como é que a senhora sabe disso?

— Então não sei? Todo menino que não maltrata os animais, que não caça os passarinhos, que trata bem e conta histórias para as árvores será um homem valente e honesto. Você não é assim?

— Será que sou?

— É, meu anjo.

E Candoca sorriu enternecida. Levantou os olhos para cima e ainda encontrou Dona Raquel.

— Por falar em passarinho. Veja quem está ali. É uma sabiá muito minha amiga.

O Príncipe levantou a cabeça para o alto. Nesse momento a brisa que nascera cedinho e que agora já estava em plena infância veio acariciar os cabelos louros e encaracolados do menino. E os fios de ouro se locomovendo de lá para cá, acompanhavam as folhas da mangueira como se também fossem pequenas folhas douradas. Candoca olhava o menino meigamente.

— Como é lindo o meu príncipe! — pensava.

E o menino entusiasmado espiava o pássaro devorando as entranhas da manga sumarenta e madura; pingos vermelhos escorriam também pelo seu peito avermelhado...

Candoca perguntou, curiosa:

— Não deu vontade?

— Deu, sim senhora. Mas eu tomei leite ainda agorinha mesmo.

— Não faz mal. Isso é invenção de gente velha.

— E se a babá...?

— Ela está lavando coisas na copa... e olhe! — Candoca tirou de dentro do seu bolso de folhas uma manga dourada e apetitosa. O Príncipe estendeu as mãozinhas e imediatamente ferrou os dentes no fruto.

Na metade interrompeu um pouco e conversou.

— Sabe, Dona Candoca, eu descobri uma coisa. Eu não quero mais ser padre.

— O que é que você quer ser agora?

— Ah! Uma coisa linda! Uma coisa que eu vi num livro. Quero ser domador de feras num circo. A farda era uma beleza. Tinha um paletó vermelho com umas orelhas azuis sobre os ombros. O peito era todo cheio de coisas de ouro. A calça era de veludo preto e as botas bem lustrosas vinham até o joelho.

— Xi! Como você vai ficar bonito.

— A senhora acha?

— Mas é certo.

Claro que ela achava. Tudo que era dele, tudo que ele contava. Tudo era bonito e ela fingia acreditar. Ontem ele queria ser padre. Hoje, domador de feras. Amanhã na certa pensaria em ser guarda-noturno como anteontem ele desejava ser soldadinho de Flit... Era a infância. O

mundo de sonhos se desenrolando como as nuvens mais belas que vagueiam os sonhos do céu.

— Que idade você tem agora, meu rapaz?

— Oito anos, Dona Candoca. Já estou ficando um bocado velho, não?

— Quase um homem.

Por dentro ela ria. Até que ele ficasse um homem, muitas mangas teria de chupar na vida...

Sim, Candoca pensava assim, mas enganava-se num ponto. Muitas mangas ele teria de chupar, mas não daquelas que ela produzia com tanto amor...

No dia seguinte, ele veio correndo, mas dessa vez seus olhos estavam molhados de lágrimas. Agarrou-se ao tronco e sua vozinha que não articulava um som compreensível.

Uma dor apertou o coração da mangueira como se adivinhasse...

— Diga, meu príncipe, diga para Candoca... O que foi?

— Eles... de novo... Mamãe vai embora e... eu vou ser internado num colégio.

— Mas não pode ser, meu filho. Não pode ser. — Grossas resinas escorriam agora dos olhos da mangueira moça.

— Vão sim. Juro por Deus. Hoje à tarde serei levado. E eu não quero. Eu não quero... Não quero sair da fazenda. Não quero deixar a senhora, nem a babá.

Mas de nada adiantou o Príncipezinho não querer. De nada. Candoca morreu de tristeza quase, quando a sege foi-se afastando, rolando barulhenta sobre o chão de lajedo, levando o menino que chorava.

Candoca viu que ele acenava. Ouviu as suas últimas palavras:

— Adeus... Dona Candoca... Adeus...

Na sege a mãe puxou o menino para o banco.

— Você está louco, menino... Que Candoca você está vendo ali?...

O menino olhou para a mãe de olhos duros.

— A senhora não compreende, mamãe. A senhora não compreende.

Baixou os olhos. Não chorou e nem explicou mais nada. Que tristeza (agora começava a descobrir), as pessoas terem de crescer e perder o coração... Que tristeza dolorida as pessoas grandes não poderem conversar e entender as árvores.

* * *

O tempo continuou cantando a sua cantiga ininterrupta e foi passando.

Cada fim de ano, Candoca ansiosa esperava que o Príncipe voltasse. Às vezes iludia-se pensando que ele voltaria nesses três meses de férias. Mas qual o quê! Outras vezes tinha quase a certeza de que no Natal ele viria para a fazenda. Mas o Natal se perdia como uma coisa sem significado dentro da folhinha e ele não aparecia. Os anos foram-se ligando num único elo, como as horas, os minutos... A solidão povoou o peito e envelheceu o coração da mangueira. Seu tronco se tornou nodoso e seus frutos iam diminuindo não só de tamanho como de quantidade. A sombra, aquela imensa saia rodada de sombras que Candoca estendia no lajedo do pátio foi sendo esgarçada por manchas de sol. Os pássaros desistiam de vir fazer os ninhos na sua folhagem gasta e sem brilho. Tudo passava.

E não era só isso. A tristeza e o abandono vieram morar em cada ângulo da fazenda.

O inverno trazia o frio. O verão, o calor. A primavera, as flores e o outono, as folhas secas. Mas nenhuma das estações era como antigamente, porque o Grande Abandono massacrava também as estações.

O administrador não se importava com coisa alguma. De modo que os cafezais maltratados estavam mirrando e se cobrindo com a poeira vermelha e contínua de todas as estradas. E era tanta poeira que parecia o respirar de Deus.

E o inverno estragava o teto da fazenda corroendo o madeiramento; e a chuva se aninhava úmida estragando as telhas e os caibros e aos poucos veio perfurando e pingando em goteiras que aumentavam com o correr das horas.

E o verão ressecava os campos e esturricava o tanque, rachando tudo sem que ninguém se preocupasse em consertá-lo. Os peixes morriam no açude e as garças selvagens e morenas e os marrecos barulhentos vinham à noite enxotar das águas, estrelas desgostosas.

O outono vagabundo deixava de perambular pelos caminhos para soprar um mundo de folhas amarelas e retorcidas por todo canto da fazenda. O sujo e a melancolia apareceram com o outono e se

grudaram em todo canto. O tempo roeu a corda do sino que chamava os colonos para a labuta.

E os colonos foram aos poucos se mudando. Os campos de corrida derrubaram as suas grades para dar invasão a qualquer animal que quisesse pastar e devorar a vida.

E meu Deus! O mais triste era a primavera. Isso, porque as heras invadiram os terraços e engoliram todas as paredes brancas da fazenda. E as heras subiam sempre, cercando as portas e as janelas. Aquelas janelas que mais não se abriam, escondendo na sombra e na escuridão, aquele cheiro de mofo e umidade. E quando a primavera chegava os jardins invadidos de mato daninho rebentavam em flores grosseiras, selvagens e feias. Até os caminhos de areia entre os lajedos ficavam repletos de capim e de flores deselegantes. E Candoca assistia muda àquela decadência de que fazia parte. Tudo se desmoronava, mas no fundo do coração a saudade do Príncipe permanecia. Ele agora deveria estar um homem. Um homem feito, que fazia a barba todas as manhãs. Seus olhos estariam agora completamente negros e seu cabelo de ouro provavelmente escurecera. E talvez, talvez até já pensasse em se casar. Candoca ouvira o administrador conversar com seu Pepe que continuava preso à fazenda trazendo o leite da manhã, arrastando sobre a sua sombra um reumatismo quase amigo e contínuo... Candoca ouvira que o Príncipe já era quase doutor. E se já era quase doutor por que ele não pensaria em casar-se?

* * *

Cada vez que o administrador aparecia no pátio trazia uma novidade triste para seu Pepe.

- Vão vender a mata. Vai passar a estrada de ferro dentro dela.
- A patroa vendeu as coisas antigas para o antiquário.
- O campo de criação de cavalos foi vendido para um plantador de cana. Agora aquilo ali será um canavial!

* * *

E Candoca assistiu à derrubada da mata e à fuga dos pássaros para outro canto onde os homens ainda não tivessem vindo e onde a sombra

traduzisse paz.

E os arados gemeram dia e noite sobre os antigos campos de corrida e treinamento. Por ali jamais brincariam os cavalinhos dourados.

E depois vieram os caminhões buscar as estátuas brancas fabricadas no Porto e que enfeitavam o triste jardim, feio e abandonado, e que dormiam mudas nas cumeeiras da fazenda. E com as estátuas se foram os castiçais de prata e os santos, e tudo, tudo de belo que guardava tradição, tudo que lembrava a época colonial, as senzalas, a escravatura, tudo, tudo foi saindo aos poucos, deixando o interior da fazenda completamente despido e morto de abandono... Os grandes salões se encontravam vazios ou com móveis bichados e imprestáveis. Até a lareira morria de frio, no inverno. Só as paredes permaneciam em pé e os ratos corriam por toda parte dando guinchos, fazendo eco com os morcegos...

* * *

Apareceu mais um outono indeciso, e as folhas de Candoca foram deslizando sem vento, amarelas e feias sobre o lajedo do pátio. Aquilo ditou a sua condenação.

— É preciso derrubar essa mangueira que está enchendo o pátio de sujeira!

Um machado impiedoso realizou indiferente essa façanha.

Candoca ficou reduzida a um tronco chorando um resto de resina, mas que o sol foi cicatrizando aos poucos.

Mas Candoca vivia ainda. Sim, vivia, alimentando o resto de vida nas raízes vivas, embebidas de umidade.

Ela viveria até que ele voltasse, depois nada importaria. E o dia chegou. Ele veio. O Príncipe estava parado no pátio conversando com o administrador. Seus olhos eram tristes e seu cabelo cortado baixo nem mais lembrava aqueles cachos de ouro ondulando ao vento. Sua barba dava um tom azulado ao seu rosto. Ou seria então que a sua vista estava fraca confundindo o Príncipe? Devia ser. O Príncipe não mudaria assim. Não ficaria um personagem completamente diferente do que sonhara na sua solidão... Mas era ele. E sua voz estava soturna. Triste. Ele via como a fazenda ficara. E naturalmente... bem para que comentar?...

Será que ele se lembraria dela? Claro que se lembraria. O Príncipe perguntara e ela ouvira. Ah! Isso ela ouvira. Perguntara onde foi enterrada Babá Leocádia. E o administrador disse que o levaria lá.

Então nos ouvidos da saudade, Candoca pareceu reviver, lembrar-se do que ele lhe dissera: — "Se não fosse você e a Babá Leocádia, eu não teria ninguém no mundo..."

Agora o Príncipe estava girando a vista pelo pátio. Parou os olhos diante da janela do seu quarto de infância, que no momento se encontrava fechada e esquecida.

Depois, baixou a vista, procurando esquecer-se de tudo também. Deu com os cordões dos sapatos desfeitos. Caminhou até o tronco de Candoca e apoiando os pés, um de cada vez, amarrou os cordões.

Voltou para perto do administrador.

— Está faltando qualquer coisa aqui...

O administrador riu e enquanto torcia o cigarro de palha entre os dedos, comentou:

— É justamente aquilo onde o senhor amarrou os sapatos.



"Caminhou até o tronco de Candoca e apoiando os pés, um de cada vez, amarrou os cordões."

O Príncipe olhou de olhos parados o tronco, como se nada significasse.

— Ah! Me lembro. Tinha uma mangueira ali...

Candoca sentiu que não mais existia e foi-se encolhendo por dentro das raízes e fechou os olhos de vez, para só abri-los no reino do Nada.

* * *

Muitos anos se passaram. O Príncipe casou-se e agora tinha um filhinho de quatro anos, Um menino lindo com os cabelos encaracolados e uma boca vermelha e entreaberta que devorava o vento e a vida. Numa noite eles estavam jantando e o Príncipe comentou para a mulher. Comentou uma coisa que por certo já tinham falado antes.

— De tudo que nos restou, ficou isso: trezentos contos. Metade para mim e metade para minha irmã Célia. A usina papai queimou, a fazenda mamãe perdeu, as propriedades na cidade, os dois desfizeram... tudo por um mísero vício... um mísero vício que por esmola deixou sobrar para nós trezentos contos que serão divididos.

A mulher não respondeu. Ele continuou.

— Daremos uma entrada e compraremos um apartamento a prestações.

A mulher implorou e não devia ser a primeira vez que o fazia.

— Não, meu bem. Compraremos uma casinha. Uma casinha que tenha um jardim. Nem que seja num subúrbio. Uma casinha que tenha árvore. Nosso filho está um menino e todo menino gosta de árvores. Todo menino conta histórias para as árvores.

Mas não pôde acabar de argumentar porque o Príncipe interrompeu.

— Não insista, meu bem. Um apartamento é mais prático. E eu já fui menino também e não tive nada disso que você fala. Isso é literatura.

...lá fora, O CORAÇÃO DA NOITE SE ENTRISTECIA...

* * *

Estala, Coração de Vidro Pintado!...

"Fernando Pessoa"

Table of Contents

[A Fazenda](#)

[A Missa do Sol](#)

[O aquário](#)

[O Cavalo de Ouro](#)

[A Árvore](#)